

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

AÇÃO EDUCATIVA:

**UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DO MUSEU
OCEANOGRÁFICO PROFESSOR ELIÉZER DE CARVALHO
RIOS E CENTROS ASSOCIADOS, RIO GRANDE-RS**

Aline Tavares da Silva

Pelotas, 2011.

ALINE TAVARES DA SILVA

AÇÃO EDUCATIVA:
UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DO MUSEU
OCEANOGRÁFICO PROFESSOR ELIÉZER DE CARVALHO
RIOS E CENTROS ASSOCIADOS, RIO GRANDE-RS

Trabalho monográfico apresentado ao curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Gastaud

Pelotas, 2011

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Carla Gastaud (orientadora)

Prof^a. MS^a. Nóris Mara Pacheco Martins Leal

Dedico este trabalho à minha madrinha.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente gostaria de agradecer ao corpo docente do Curso de Bacharelado em Museologia, que foi indiscutivelmente importante para minha formação acadêmica.

Agradeço em especial minha orientadora professora Carla Gastaud, que acompanhou meu trabalho do início ao fim, esclareceu minhas dúvidas, ajudou a organizar toda estrutura da monografia e exigiu que eu fizesse sempre o melhor. Agradeço também a professora Maria Letícia Ferreira, que me deu a primeira oportunidade de estágio, período em que muito aprendi, e tive contato com o que viria a ser meu objeto de pesquisa nesta monografia.

Agradeço a toda equipe do Museu Oceanográfico e Centros Associados, que me recebeu tão bem, permitindo que esse trabalho se realizasse.

Agradeço aos meus colegas de curso, pelas discussões e por todos os “palpites”, que muito acrescentaram, não só neste trabalho, mas em tudo que produzi durante a graduação. Em especial agradeço a minha querida colega e amiga Gleiva Fagundes “*in memoriam*” por ter me ensinado tanto.

Enfim, a todos vocês o meu MUITO OBRIGADO!

Não gostaria de ser homem ou de ser mulher se a impossibilidade de mudar o mundo fosse algo tão óbvio quanto é óbvio que os sábados precedem os domingos. Não gostaria de ser mulher ou homem se a impossibilidade de mudar o mundo fosse verdade objetiva que puramente se constatasse e em torno de que nada se pudesse discutir.

Gosto de ser gente, pelo contrário, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites.

Paulo Freire

RESUMO:

O presente trabalho apresenta as ações educativas levadas a cabo no Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios e Centros Associados, na última década. Esse complexo de museus foi foco desta investigação por ser uma instituição reconhecida e consolidada na cidade de Rio Grande-RS. Verificou-se que mesmo sem ter um programa de ação educativa em vigência, a instituição encontrou ao longo de sua história, caminhos alternativos para cumprir com a função de comunicar.

Palavras-chave: museologia, educação em museu, ação educativa, Complexo de museus da Universidade Federal do Rio Grande.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Fachada do Museu Oceanográfico na Praça, na década de 1950.....	14
Figura 2: Lote de conchas.....	15
Figura 3: Peixe de óculos.....	16
Figura 4: Sede do Museu Oceanográfico na década de 70.....	17
Figura 5: Leão marinho.....	18
Figura 6: Vista aérea do centro de recuperação de animais marinhos.....	19
Figura 7: Quadro do Museu Antártico.....	20
Figura 8: Exposição do Museu Antártico.....	21
Figura 9: Museu Antártico, área externa.....	21
Figura 10: Fachada do Eco-Museu da Ilha da Pólvora.....	22
Figura 11 Exposição antes da revitalização:.....	23
Figura 12: Proa cenográfica:.....	24
Figura 13: Auditório, na parte inferior da Proa cenográfica.....	24
Figura 14: Fachada do Museu Oceanográfico antes da reforma.....	30
Figura 15: Fachada depois da reforma.....	31
Figura 16: Sala de recepção, bilheteria e loja.....	31
Figura 17: Vista através de um mirante.....	33
Figura 18: Exposição de longa duração do Eco-Museu da Ilha da Pólvora.....	34
Figura 19: Mesa de desenho e pintura para as crianças.....	35
Figura 20: Projeto de Educação Ambiental realizado em 2008.....	37

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A CIDADE, A SOCIEDADE DE ESTUDOS OCEANOGRÁFICOS E O MUSEU.....	12
1.1 Rio Grande e a Sociedade de Estudos Oceanográficos.	12
1.2 O Complexo de Museus da FURG	14
CAPITULO 2: O MUSEU E A FUNÇÃO SOCIAL.....	26
2.1 A importância da ação educativa nos museus.	26
2.2 Práticas educativa do Complexo de museus.	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
FONTES PRIMÁRIAS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou mostrar e analisar as práticas do Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios e seus Centros Associados, localizados na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, no que tange a ação educativa.

A eleição do tema se deu depois de ter cursado a disciplina de Ação Cultural e Educação em Museus no sexto semestre da graduação. As práticas educativas desenvolvidas por um museu são inúmeras, e são formas de mediação e interação que possibilitam que o público interprete o discurso das instituições museais.

A escolha do Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios, como universo de observação da pesquisa se deu por sua representatividade entre os museus da cidade do Rio Grande, da qual sou natural. Seu acervo tem expressiva relevância num município com grande identificação com o mar. Meu primeiro contato com o objeto de pesquisa, como acadêmica de museologia, se deu no segundo semestre de 2008, quando estagiei em um projeto da professora Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, e pesquisei mais profundamente sobre a história e importância do museu.

A realização desse trabalho teve como base observações feitas no complexo de museus da Universidade Federal do Rio Grande¹, não somente como visitante, mas também como estagiária, já que meu estágio obrigatório de conclusão de curso também foi cumprido na instituição. Para entender a história do complexo de museus foram imprescindíveis as entrevistas feitas por Rodrigo Torres, com o professor Eliézer de Carvalho Rios, fundador do Museu Oceanográfico e com Lauro Barcellos, atual diretor do complexo de museus, registradas pelo projeto de pesquisa “Traçando o perfil de trabalhadores em museus nas cidades da 7ª região museológica”, sob a coordenação da Prof^ª. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, obtidas por mim durante o já referido estágio.

¹ A partir daqui sempre que me referir a Universidade Federal do Rio Grande, utilizarei a abreviatura FURG.

A escolha de utilizar as entrevistas realizadas pelo pesquisador Rodrigo Torres, se deu pela densidade das informações contidas nas mesmas, indo ao encontro de minha análise. As vidas profissionais de Eliézer de Carvalho Rios e Lauro Barcellos se confundem com a história do Museu Oceanográfico e Centros Associados.

A presente monografia foi estruturada em dois capítulos. No primeiro capítulo apresento a cidade do Rio Grande, município litorâneo com forte ligação com o mar e o Museu Oceanográfico. Em 1953 surge a Sociedade de Estudos Oceanográficos, que tinha como um de seus principais objetivos fundar em Rio Grande um Museu Oceanográfico. O projeto torna-se realidade e em oito de setembro de 1953, o Museu é fundado. Nessa época pertencia à prefeitura e tinha sede em um pequeno prédio no interior da Praça Tamandaré. Com parceria da prefeitura e indústrias riograndinas do mercado de pescado, é realizado um projeto de nova sede para o Museu, e em oito de setembro de 1973 o Museu é reinaugurado em nova sede, muito mais ampla, dois anos depois a prefeitura já sem condições de manter o museu o doa a Universidade Federal do Rio Grande.

No segundo capítulo falo do papel social dos museus e da aplicação de ações educativas nas instituições museais. Termino contando e analisando um pouco das práticas utilizadas pelo Museu Oceanográfico e Centros associados no que tange a comunicação com o público, e quais as formas encontradas pela instituição ao longo de sua história para se aproximar dos visitantes, mesmo sem ter um programa de ação educativa em vigência. O complexo de museus dispõe de mediadores nas sedes do Eco-Museu da Ilha da Pólvora, Museu Náutico e Centro de Recuperação de Animais Marinhos, além de cursos de educação ambiental e pesquisa de opinião do público.

CAPÍTULO 1: A CIDADE, A SOCIEDADE DE ESTUDOS OCEANOGRÁFICOS E O MUSEU

1.1 Rio Grande e a Sociedade de Estudos Oceanográficos.

A Cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, Rio Grande foi fundada em 19 de fevereiro de 1737, pelo Brigadeiro José da Silva Paes, que comandava uma expedição militar portuguesa. Silva Paes transpôs a Barra do Rio Grande de São Pedro, e fundou o presídio do Rio Grande, e o Forte Jesus, Maria e José, formando então a primeira povoação do Rio Grande do Sul. Em 1751, o povoado foi elevado à condição de vila.

A principal emigração ocorrida na cidade foi por portugueses que influenciaram profundamente na cultura e na arquitetura do município. Rio Grande tem o time de futebol mais antigo do Brasil, o Rio Grande; a catedral mais antiga do estado, a de São Pedro e o balneário mais antigo do Rio Grande do Sul, o Cassino.

O município, cercado de água por quase todos os lados, teve durante muito tempo a pesca como sua principal fonte de renda, hoje o pólo naval é responsável pelo crescimento econômico da cidade. E os nativos se orgulham de ter o que acreditam ser a maior praia do mundo em extensão, a praia do Cassino. A cidade também é conhecida pelo apelido de “a noiva do mar”. Os estudos dos oceanos e ecossistema marinho despertaram o interesse de alguns pesquisadores, no município, muito antes de a oceanografia ser reconhecida como ciência.

A cidade possui a Universidade Federal do Rio Grande, que é conhecida por ser uma das mais completas do sul brasileiro. Foi fundada a 8 de julho de 1953 com o nome de Fundação Cidade do Rio Grande e na época só contava com o Curso de Engenharia. Começou a sua história com aulas na Biblioteca Rio-Grandense, e hoje a universidade tem cursos no campus Cidade, campus Carreiros e campus Saúde e conta com complexos de museus, Estação de Apoio Antártico, Hospital Universitário e Sistemas de Bibliotecas, além de três campus fora da cidade: em Santo Antônio da Patrulha, Santa Vitória do Palmar e São Lourenço do Sul.

Em 20 de março 1953 se estabelece a Sociedade de Estudos Oceanográficos de Rio Grande (SEORG). Formada por um grupo de pesquisadores, essa sociedade tinha como objetivos declarados: desenvolver estudos científicos sobre o mar, principalmente sobre o Atlântico Sul, com ênfase na costa do Rio Grande do Sul; criar um museu oceanográfico; promover a formação de pessoal necessário ao desenvolvimento da Oceanografia; constituir-se num centro de orientação e divulgação da Oceanografia e concorrer para o desenvolvimento da pesca racional, prestando assistência técnica necessária quando solicitada.

A sociedade foi constituída para dar impulso inicial à Oceanografia na cidade do Rio Grande. No seu primeiro ano de existência a diretoria foi constituída por um conselho diretor formado pelos senhores: Eliézer de Carvalho Rios, Boaventura Nogueira Barcellos; pelo presidente, Sr. Geraldo Leite Serrano; pelo vice-presidente, Sr. Cícero Marques Vassão; pelo secretário, Sr. Leonel Constantino Romeu Neto e pelo tesoureiro Sr. Cyro Fournier Monteiro Luz.²

Depois de muito trabalho o museu foi inaugurado, como noticiado em 9 de setembro de 1953:

A Inauguração do museu Oceanográfico, preparada para marcar a data máxima da nacionalidade, foi transferida, por motivo de força maior, para o dia de ontem.

Convidados especialmente compareceram autoridades civis e militares, representantes da imprensa e pessoas gradas, [...].

Sob calorosos aplausos, abriram-se de par em par, as portas do Museu. Usou, então, da palavra, o Sr. Prefeito Municipal que congratulou-se com o povo riograndino pela concretização do magno empreendimento, frisando, também, a necessidade que era suprida, no rio Grande, pela Sociedade Oceanográfica, que abria novas contribuições à cidade, fazendo inaugurar o museu.[...]

A partir de hoje, o Museu Oceanográfico estará aberto ao público, no horário das 19 às 22 horas. (Jornal Rio Grande. 1953:6)

Tanto a Sociedade Oceanográfica como o museu despertavam a admiração e o respeito da população riograndina, segundo reportagens de jornais locais da época. Os vereadores chegam a apresentar a Câmara, um projeto pleiteando a categoria da utilidade

² Dados obtidos através de recortes de jornais e revistas disponíveis no Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos.

pública da Sociedade de estudos Oceanográficos. Desde o início dos trabalhos da sociedade de estudos oceanográficos, a sede localizava-se num pequeno prédio, no interior da Praça Tamandaré, cedido pela prefeitura.

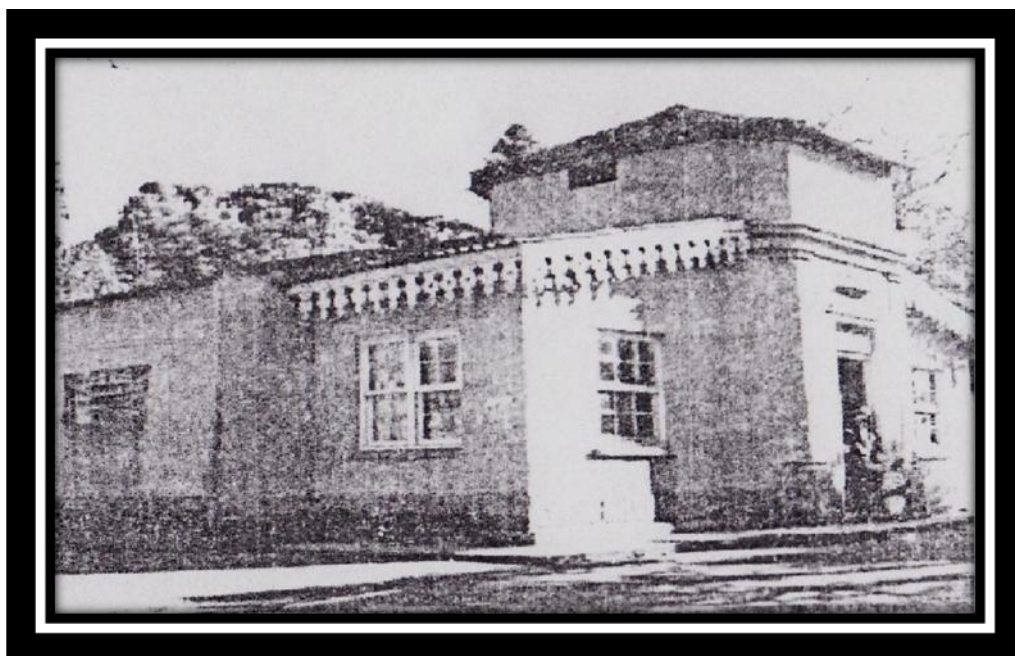


Figura 1: Fachada do Museu Oceanográfico na Praça, na década de 1950
Fonte: Núcleo de Memória professor Engenheiro Francisco Martins Bastos.

1.2 O Complexo de Museus da FURG

A concretização da idéia do museu oceanográfico foi resultado da vontade dos membros da Sociedade de Estudos Oceanográficos para dar maior acesso e visibilidade ao trabalho que até então estava restrito a um pequeno grupo. Embora a intenção de criar um museu já existisse não se tornaria realidade não fosse o trabalho e o empenho de dois riograndinos Eliézer de Carvalho Rios e Boaventura Nogueira Barcellos, e do iugoslavo Nicolas Vilhar, segundo notícias de jornais que integram o acervo do Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos.

Para que o museu funcionasse era preciso o apoio e o envolvimento de muitas pessoas, porém o corpo de funcionários era composto por cinco pessoas, pagas pela prefeitura. A instituição se mantinha com o dinheiro da bilheteria, eram cobrados dois cruzeiros dos adultos e um cruzeiro de jovens e crianças.

As parcerias foram indispensáveis para dar continuidade ao trabalho do museu, o professor Eliézer conta que “começou a estudar muito”³, escolhendo os moluscos como seu objeto de pesquisa. A ajuda do pescador Leopoldino Pontes foi de suma importância para constituição da coleção de moluscos. O pescador trazia os espécimes e o professor escrevia para diversas partes do mundo, e assim também fazia trocas, mandava material e recebia outros, deste modo a coleção foi crescendo, passou a frente de todas as coleções do Brasil. Hoje é a maior coleção dessa tipologia na América do Sul.

O acervo do Museu Oceanográfico atualmente possui cerca de 160.000 peças, distribuídas em 51.000 lotes. Alguns espécimes foram encontrados *in loco* em conjunto, e assim são catalogados pela instituição. Em um lote com quinze conchas, por exemplo, todas possuem o mesmo número de catalogação, como vemos a seguir:



Figura 2: Lote de conchas.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

Nos primeiros anos após a abertura, o museu já recebia um número expressivo de visitantes, segundo o professor Eliézer, não só de Rio Grande, mas também de cidades da região, excursões traziam muitos interessados em conhecer o acervo que causava fascínio nas

³ Entrevista realizada com o professor Eliézer de Carvalho Rios, por Rodrigo Torres em 28/09/2007, e a partir daqui sempre que me referir a falas do professor, os dados foram retirados dessa mesma entrevista.

peessoas, com espécimes não só da costa gaúcha, como também de outras partes do litoral brasileiro, graças às trocas de material feitas pelo professor.

Uma peça em especial chamava a atenção, e ainda hoje continua sendo uma das mais requisitadas do museu: o peixe de óculos. Um jovem pescador encontrou um peixe com feições humanas e doou ao museu em 1966, o professor encantado com as características do peixe, acrescentou uns óculos escuros e colocou o peixe da espécie “Miragaia” em exposição. Aquela peça, segundo o professor foi a mais sensacional que apareceu no museu em vinte anos, as pessoas entravam pela porta da frente e saíam pelos fundos, parecia uma verdadeira romaria, todos pagando ingresso para ver o tal do peixe de óculos.

Muitos anos depois durante uma reformulação na exposição de longa duração do museu, alguns suportes novos foram inseridos no circuito expositivo como, por exemplo, televisores e aquários, e o peixe de óculos foi retirado de exibição. Todavia uma grande mobilização do público, fez com que o peixe fosse novamente colocado em exposição.

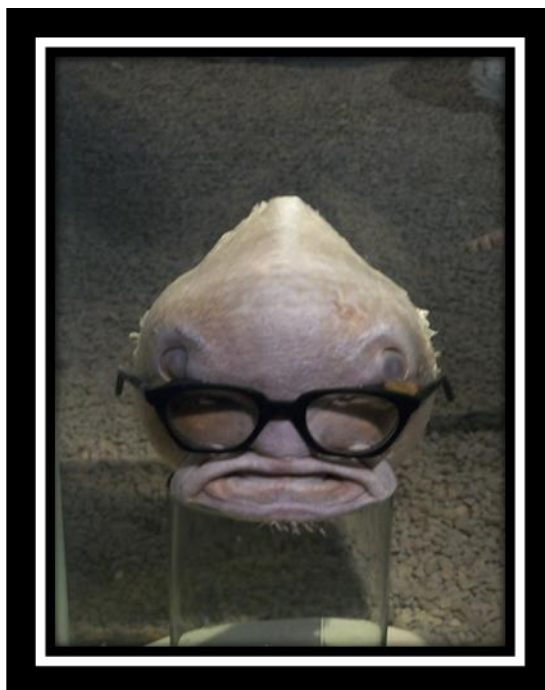


Figura 3: Peixe de óculos.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

A ação conjunta das empresas de captura de pescado: Indústria brasileira de peixe (pescal); Indústria Rio-Grandense de pescados; Indústria Reunida Leal Santos S.A; Torquato Pontes pescado S.A; Wigg S.A. Comercio e Indústria e da refinaria de petróleo Ipiranga juntamente com a prefeitura, foi necessária para a viabilização do projeto de construção de

uma nova sede para o museu. E em oito de setembro 1973 ele é reinaugurado, com novas instalações, onde permanece até hoje.

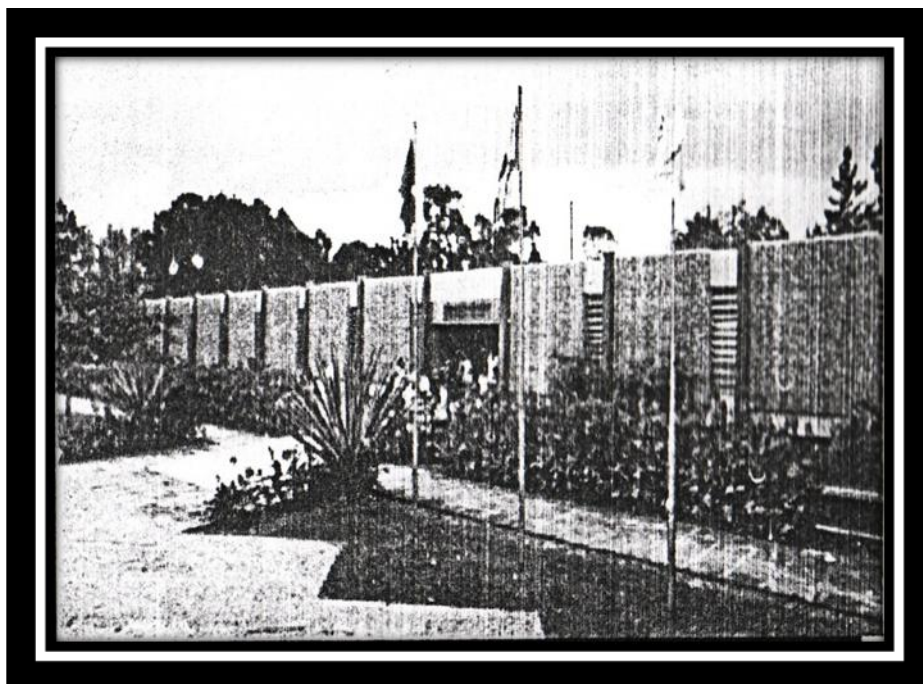


Figura 4: Sede do Museu Oceanográfico na década de 70.
Fonte: Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos.

Com as novas instalações o acervo da instituição pode ser ampliado, a parceria com a universidade foi imprescindível, o museu ganhou telefone e novos funcionários; bibliotecária e jardineiro, além de salas utilizadas como: laboratório de malacologia⁴, laboratório de mamíferos marinhos, biblioteca e secretaria.

Em 1975 a prefeitura – sem condições financeiras de manter o museu – o doa à Fundação Universidade do Rio Grande. A doação da prefeitura abrange o prédio, as coleções científicas e os aparelhamentos, a universidade em contrapartida responsabiliza-se a partir de então, a manter o museu em pleno funcionamento, assumindo os encargos financeiros correspondentes. Ainda segundo o termo de doação⁵, registrado em cartório, o museu oceanográfico em hipótese alguma poderia ser transferido da cidade de Rio Grande, dada a grande importância de bem servir os interesses vinculados ao desenvolvimento e progresso do estudo e pesquisa no campo da Oceanografia muito valorizada pela Prefeitura.

⁴ Malacologia é o ramo da biologia que estuda os moluscos.

⁵ Termo de doação original pode ser encontrado no acervo documental do Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos.

Desde 1974, muitos esforços têm sido despendidos para a recuperação e devolução ao ambiente natural de animais marinhos (leões e lobos-marinhos, tartarugas, pingüins, albatrozes, gaivotas, e outras aves) encontrados debilitados ao longo do litoral, no Centro de Recuperação de Animais Marinhos (CRAM). A missão do CRAM é “salvar os animais marinhos enfermos ou debilitados e mobilizar a comunidade para a preservação da vida”⁶.

Anexo ao museu oceanográfico, o Centro possui uma sala de trabalho, uma enfermaria e dois tanques externos com 2,5 metros de profundidade. Em um deles está o leão-marinho que foi encontrado muito pequeno, dentro de canal que refrigerava equipamentos da antiga Refinaria de Petróleo Ipiranga. O animal estava com infecção, e provavelmente não sobreviveria em ambiente natural, ele foi adotado pela instituição onde cresceu e permanece até hoje, sendo uma das principais atrações para o público do museu, em seus horários de alimentação (dez da manhã e quatro da tarde) a movimentação em volta do tanque é muito grande todos aproveitam para filmá-lo e fotografá-lo. Todavia a equipe do CRAM salienta que o caso do leão marinho é exceção, os animais que chegam ao Centro são recuperados e devolvidos ao seu habitat natural.



Figura 5: Leão marinho.
Fonte: www.museu.furg.br.

⁶ A partir daqui sempre que me referir ao Centro de Recuperação de Animais Marinhos utilizarei a abreviatura CRAM.

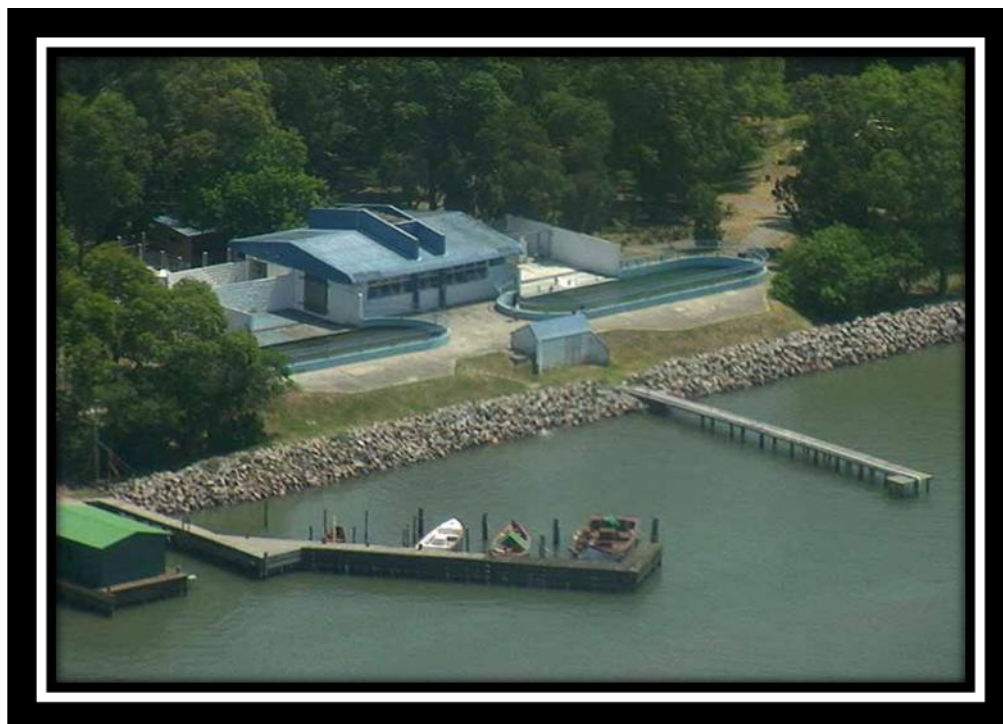


Figura 6: Vista aérea do CRAM.
Fonte: www.museu.furg.br.

Em 20 de agosto de 1987, o trabalho do diretor-fundador do Museu Oceanográfico é reconhecido por ato do Conselho Universitário da FURG que atribuiu à instituição o nome de Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios. O professor além de fundador do museu foi também pesquisador e organizador da coleção de moluscos que serviu para inúmeros estudos de cientistas brasileiros e internacionais. Exerceu a curadoria dessa coleção, que se constitui na maior da América do Sul, escreveu cinco livros sobre moluscos marinhos brasileiros e publicou dezenas de trabalhos científicos em diversos periódicos especializados divulgando o museu e a Universidade do Rio Grande no Brasil e mundo.

Com o apoio de instituições nacionais e internacionais, iniciou-se em janeiro de 1992, uma fase dinâmica de cursos de formação ambiental, marinha e antártica para as escolas de Rio Grande. Para consolidar essa função educacional e formativa, foi inaugurado em 6 de abril de 1993, anexo ao museu, o Centro de Educação e Formação Ambiental Marinha (CEFAM), o apoio dos ministérios do Meio Ambiente, da Educação e do Desporto e do governo do Canadá foram fundamentais para a criação desse centro de educação. O projeto recebeu inúmeras turmas de escolas tanto da rede municipal quanto estadual de

ensino.⁷ Atualmente o projeto é inoperante, e as salas de aula e de computação estão fechadas, sendo utilizadas somente para algum evento ou curso esporádico.

O Museu Antártico foi inaugurado em sete de janeiro de 1997, anexo ao Museu Oceanográfico, integrado aos centros associados. A exposição do Museu Antártico constituída de painéis com textos e fotografias, objetos e amostras de animais e rochas, está instalada em cinco módulos (contêineres) constituindo uma replica da Estação Antártica “Comandante Ferraz”. O museu proporciona ao visitante a possibilidade de interação, além de a sede ser uma réplica, os objetos expostos podem ser tocados e há também uma sala de projeções a disposição dos visitantes.



Figura 7: Quadro do Museu Antártico.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

⁷ Dados obtidos em recortes de revistas, disponíveis no Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos.



Figura 8: Exposição do Museu Antártico.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.



Figura 9: Museu Antártico, área externa.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

O Eco-Museu da Ilha da Pólvora foi inaugurado em 22 de abril de 1999, e sua criação foi viabilizada com o apoio do Exército Brasileiro, juntamente com a FURG. O nome da instituição é escrito com hífen por fazer referência ao ecossistema, e não por ser um museu dirigido pela comunidade o que o caracterizaria como um “Ecomuseu”.

O Eco-Museu está localizado na Ilha da Pólvora, uma das ilhas do estuário da Laguna dos Patos. Possui 42 hectares de marismas (áreas periodicamente alagadas pela maré) que servem de habitat para várias espécies de aves, roedores, larvas e juvenis de peixes, moluscos e crustáceos. O Eco-Museu fica aberto sextas, sábados e domingos, das 14 às 18 horas, com entrada franca, os visitantes pagam somente à travessia pela Lagoa dos Patos, no valor de três reais, feita por uma pequena embarcação denominada “Coração Valente”.



Figura 10: Fachada do Eco-Museu da Ilha da Pólvora.
Fonte: www.museu.furg.br.

O Museu Náutico foi inaugurado em nove de abril de 2003, localizado na Rua Riachuelo, no Armazém 4 do porto velho de Rio Grande, dentre os Centros Associados do Museu Oceanográfico, essa é a sede geograficamente mais distante. A exposição destaca o Rio Grande como uma cidade histórica e marítima, realçando sua íntima relação com o mar e

com o estuário da Laguna dos Patos. O Museu, conta através de painéis, barcos, maquetes, bandeiras e peças de embarcações e estaleiros a história do desenvolvimento náutico na cidade, fazendo referências importantes aos acontecimentos mundiais. Segundo a instituição seu objetivo é resgatar, preservar e divulgar a cultura e o conhecimento náutico local, valorizando o trabalho humano vinculado a esta cultura e dignificar a atividade daqueles que vivem do mar.



Figura 11: Exposição antes da revitalização.
Fonte: www.riogrande.rs.gov.br.

Em 2007 o museu foi reinaugurado após três anos em processo de revitalização. O projeto de revitalização foi executado com patrocínio da Petrobras e da Gerdau, com a parceria da Fundação Roberto Marinho e da FURG. A instituição ganhou uma proa cenográfica, que funciona como um espaço de lazer. No convés, ficam o bar e algumas peças do acervo. No porão, foi montada uma sala para exibição de vídeos e palestras. A instituição também ganhou uma iluminação específica para a expografia do museu. O Museu Náutico reabriu suas portas com a proposta de valorizar ainda mais a história marítima da comunidade riograndina.⁸

⁸ Dados obtidos através da reportagem do jornal Agora, escrito por Carmem Ziebell, disponível em: <http://www.intellog.net>. Acessado 22/04/11



Figura 12: Proa cenográfica.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.



Figura 13: Auditório, na parte inferior da Proa cenográfica.
Fonte: www.furg.com.br.

Nesse capítulo apresentei a cidade de Rio Grande, falando um pouco de como se deu o surgimento da Sociedade de Estudos Oceanográficos no município, ainda da década de 1950, termino contando a história do Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios, e do crescimento da instituição com o surgimento de seus Centros Associados.

CAPITULO 2. O MUSEU E A FUNÇÃO SOCIAL.

A importância da ação educativa nos museus.

As discussões em torno do papel social dos museus e, mais especificamente, do seu papel pedagógico e da sua relação com o público, aconteceram em um processo gradual, provocadas pelas mudanças na sociedade. Os museus deixam de ser um espaço de contemplação para se tornarem agentes de reflexão.

Desenvolver um programa de ação educativa em museus não é tarefa fácil, perpassa inúmeros desafios, todavia é tão difícil fazer quanto possível, já que “*o mundo não é. O mundo está sendo*” (FREIRE, 1996: 76). Algumas das dificuldades enfrentadas pelos museus contemporâneos - aqui representados pelo Museu Oceanográfico - serão abordadas no presente trabalho, assim como também algumas possibilidades e caminhos a serem percorridos a fim de aproximar o público do museu.

Ser museólogo é mais do que trabalhar dentro de quatro paredes, lidando com objetos antigos. Fazer museologia é lidar com pessoas, trabalhar com a sociedade, transformando realidades, recontando histórias, num constante processo de aprendizagem. As práticas em instituições museais vão sendo repensadas, na carta de Santiago do Chile, vemos:

[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.(Declaração de Santiago,1972)

Os museus são instituições com grande responsabilidade social, já podem ser formadores de opinião. Todo museu tem caráter pedagógico, transmitindo idéias, há um processo comunicativo. Não existe assim discurso neutro, a expografia que o museu apresenta, resultado de uma pesquisa previa e as ações educativas desempenhadas pela

instituição são permeadas de intenção, tudo foi baseado em pressupostos mesmo que isso não fique totalmente explicitado em um primeiro momento (RAMOS, 2004).

Para se programar atividades educativas em instituições museais, o ideal seria que o trabalho fosse desempenhado por uma equipe interdisciplinar qualificada, buscando a melhor integração do museu com o público. Problemas já começam a aparecer no corpo de funcionários, pois a maior parte dos museus, não só no Brasil, não dispõe de uma equipe tão ampla. Muitas vezes um mesmo funcionário acumula inúmeras funções. Todavia é preciso entender que ação educativa integra uma das missões dos museus que é a de comunicar, um museu que nada acrescenta para seu público não tem razão de existir.

Os museus não são instituições isoladas, estão inseridos em um meio: uma cidade, um bairro, uma comunidade, enfim. Isso deve ser levado em consideração na formulação da expografia e das ações educativas, que o museu resolva desempenhar. É preciso pensar não somente no que se fala, mas também com quem se fala. O público - decodificador das informações apresentadas pelo museu - ganhou um papel cada vez mais importante nas instituições museais contemporâneas.

As práticas educacionais de museus de qualquer natureza podem ser entendidas como formas de mediação que proporcionam ao público a possibilidade de interpretar objetos e o discurso expositivo sob várias perspectivas (GRINSPUM, 2000).

Os trabalhadores de museus precisam conhecer seu público, um estudo de público pode ser muito útil nesses casos e gera dados importantes para que a instituição pense e repense suas práticas. O livro de registro de visitantes pode dizer muito mais à instituição, do que simplesmente quantos visitantes passaram pelo museu. Qual a naturalidade do público, em qual época tem mais visitação, quando recebe mais público escolar, se idosos fazem parte dos visitantes. Enfim, estas são algumas das inúmeras perguntas que se pode responder. Todavia, a maior parte dos museus não faz a leitura dos livros de visitação, e perde a oportunidade de formular um melhor discurso voltado para quem realmente interessa o público visitante.

Os museus, para ensinar, poderiam explorar mais a materialidade dos objetos. Muitas pessoas têm dificuldade de associar abstratamente o que foi apresentado, em forma de texto ou narração. O objeto serve assim como uma ilustração, uma constatação de determinado fato

ou história. Sabemos que os objetos são polissêmicos, tem significados diferentes para cada pessoa, o local onde se encontrava, a época em que foi utilizado, a quem pertenceu, são informações importantes que não podem ser perdidas, e que trazem um aporte simbólico às peças que é muito importante. Não se trata de resgatar um passado, mais sim de mostrá-lo no presente através de um suporte material (MENESES, 2000).

Assim, o museu deve ser espaço de interação social, sem a intenção de resgatar história alguma, ou pretender fazer com que o visitante sinta exatamente o que sentia uma pessoa que viveu em determinada época, já que isso é impossível.

Educar e informar não significa induzir, menosprezando-se assim a capacidade de pensamento e associação do público. O que a instituição pode, e deve fazer, é aguçar a imaginação do visitante, fazê-lo refletir, lembrar, pensar, enfim. Um museu com discurso unilateral age como se tivesse o domínio do conhecimento, e o público serve somente como um receptor de informações, ou seja, um dá e o outro recebe passivamente sem trocas.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber... Na concepção bancária [...], para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se a superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a educação bancária mantém e estimula a contradição... Não pode haver conhecimento, pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar [...]. Não realizam nenhum ato cognitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência de seu ato cognoscente é pose do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos. (FREIRE, 1987:67)

Os trabalhadores de museus precisam entender que não existe discurso pronto, fechado. Mudar de opinião, acrescentar ou suprimir, não é demérito nenhum, pelo contrario, mostra que a instituição está em um processo constante de crescimento.

A ação educativa deve ser pensada como parte de um processo. A educação é a base para que uma sociedade se conheça, e reconheça seus direitos e sua identidade. O museu tem papel importantíssimo nesse contexto, através de uma política de educação bem estruturada pode aproximar a comunidade não só da instituição, mas de um universo de possibilidades que surgem por meio do conhecimento.

A ação museológica contribui de forma positiva, tanto para o público quanto para a instituição, gerando diálogo, reflexão e aprendizagem. O público deve ser considerado na constituição do discurso do museu e de suas práticas educacionais. O conhecimento pode se dar através da troca, do diálogo.

Cada instituição encontra formas de agir conforme sua realidade. Não há uma receita pronta, o que funciona em um museu, não necessariamente funcionará da mesma maneira em outro. Trata-se de um trabalho dinâmico, construção e reconstrução a todo o momento e há necessidade de além do suporte teórico, muita determinação. A seguir veremos as formas de comunicação e interação com o público, utilizadas pelo Museu Oceanográfico e Centros Associados, todas ligadas à preservação da natureza, voltadas tanto para estudantes universitários de áreas afins (Biologia, Oceanologia, Medicina Veterinária) quanto para estudantes do nível fundamental de ensino.

2.1 Práticas educativas do Complexo de museus.

Apesar de Rio Grande, ser conhecida como uma cidade histórica e com muitos museus, a maioria deles não estão realmente abertos para o público, em alguns é preciso agendar a visita e outros simplesmente não cumprem o horário de funcionamento, sem dar à comunidade nenhuma satisfação.

O Museu Oceanográfico cumpre rigorosamente seu horário de funcionamento, de terça a domingo das nove as onze e meia da manhã, e das quatorze às dezoito horas, sendo no domingo à tarde, entrada franca para todos os visitantes, nos demais dias o ingresso custa cinco reais. Estudantes, menores de 12 anos e maiores de 65 têm entrada gratuita todos os dias.

Os Centros Associados estão abertos ao público nos seguintes horários: Museu Náutico de terça a sexta-feira das quatorze às dezoito horas, Eco-Museu da Ilha da Pólvora de sexta a domingo das quatorze às dezoito horas, dependendo das condições climáticas, em dia de chuva ou muito vento, não há visita devido à insegurança na travessia pela Lagoa dos Patos, e o Museu Antártico segue os mesmos horários do Museu Oceanográfico. Quando por algum motivo o museu precisa ser fechado, o fato é comunicado em jornais de grande

circulação local, como aconteceu, por exemplo, no final de 2009. O museu fechou por alguns meses devido a reformas.

As obras foram viabilizadas através dos ministérios do Turismo e da Cultura, segundo Lauro Barcellos. Do complexo de museus da FURG na área marítima, somente o Museu Náutico permaneceu aberto ao público⁹. Foram construídas rampas de acesso na entrada do Museu Oceanográfico, banheiros mais amplos e que atendem as necessidades dos visitantes cadeirantes, uma sala de recepção com bilheteria e loja de souvenirs, e também foi instalado um programa de vigilância com câmeras espalhadas por todo o complexo.

O antigo portão por onde entravam os visitantes, passou a ser de uso restrito a funcionários, e a sala de recepção estabelece agora um primeiro acolhimento de quem chega até o museu. Faz com que o visitante tenha um contato com os funcionários da instituição, ainda que não exista um funcionário específico encarregado de acompanhar o público e fazer a mediação dos visitantes dos Museus; Oceanográfico e Antártico.



Figura 14: Fachada do Museu Oceanográfico antes da reforma.
Fonte: www.google.com.br.

⁹ Dados obtidos em reportagem do Jornal Diário Popular, disponível em: <http://www.diariopopular.com.br>. Acessado em 30/04/11.



Figura 15: Fachada depois da reforma.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.



Figura 16: Sala de recepção, bilheteria e loja.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

A partir daqui centrarei minha reflexão no trabalho desenvolvido nas sedes do Eco-Museu da Ilha da Pólvora e do Centro de recuperação e Animais Marinhos, que a meu ver são os responsáveis pelas ações educativas realizadas pelo conjunto de museus da FURG na área marítima, tendo o Museu Oceanográfico como principal representante.

No Eco-Museu da Ilha da Pólvora há duas funcionárias para recepcionar e atender as dúvidas dos visitantes, não se trata de uma visita guiada, do tipo em que o funcionário do museu acompanha o visitante por todo o percurso falando indiscriminadamente sem parar. Ao contrário, é contado um breve histórico do museu e são dadas algumas informações importantes sobre segurança durante o percurso externo, depois as monitorias ficam a disposição para esclarecer qualquer dúvida. O trajeto externo é feito sobre trapiches de madeira - que por vezes se despregam - e é recomendado que ao subir nos mirantes, crianças sejam sempre acompanhadas por adultos. Cada mirante comporta até oito pessoas por vez.

Às vezes os monitores - chamados pela instituição de “guias” - são deslocados para outro Centro Associado, como por exemplo, durante a Festa do Mar, evento em que uma das monitoras do Eco-Museu da Ilha da Pólvora reforça a equipe do Museu Náutico.

Durante as visitas ao Eco-Museu da Ilha da Pólvora é comum, o público fazer questionamentos a respeito do acervo ou história do Museu Oceanográfico, o que aponta para a carência de pessoas na sede do Oceanográfico aptas a responder seus questionamentos. Para suprir essa falta o visitante, acaba levando suas dúvidas até as monitoras do Eco-Museu. Todavia é preciso lembrar, que o Eco-Museu só está aberto ao público às sextas-feiras, aos sábados e domingos somente pelo turno da tarde, e a possibilidade das dúvidas e questionamentos serem respondidos se restringe a esses horários e dias.

Os mirantes¹⁰ exercem verdadeiro fascínio no público, a vista é muito bonita e compensa o medo de subir em uma estrutura de madeira, que em dias de vento forte, muito comuns em Rio Grande, sacode e balança um pouco. O turista tem a oportunidade de conhecer a cidade sob um ângulo diferente, e os riograndinos normalmente fazem comentários do tipo “olha! é lá que eu moro”. Durante todo o trajeto há placas explicativas, sobre o ecossistema costeiro ali presente. Ainda há uns poucos objetos na parte externa que

¹⁰ Estruturas, neste caso de madeira, feitas para que as pessoas tenham uma visão privilegiada de determinada paisagem.

fazem referência a época em que o espaço pertencia ao exército servindo como base para armazenamento de munição.



Figura 17: Vista através de um mirante.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

Dentro da sala de exposição há painéis explicativos sobre a importância do exército brasileiro, sobre a restauração pela qual o prédio passou para poder abrigar o museu e sobre o ecossistema costeiro. Há algumas espécies de vegetação presentes em pequenos vasos, sempre cuidados e repostos pela equipe do museu. O local é amplo, com várias janelas que além de proporcionar uma iluminação natural, dão aos visitantes uma admirável visão da paisagem local. Embaixo de cada janela há degraus para facilitar a visualização do visitante.



Figura 18: Exposição de longa duração do Eco-Museu da Ilha da Pólvora.
Fonte: Arquivo Pessoal da Autora.

O acervo do museu tem poucos objetos tridimensionais e a expografia baseia-se em quadros, ou mais especificamente em textos grandes acompanhados de figuras e ilustrações, o que poderia ser um problema, já que normalmente o público rejeita ler muitos textos em sequência, todavia isso não acontece no Eco-Museu. A grande maioria dos visitantes fica em torno de meia-hora, olhando através das janelas, fazendo comentários, e principalmente lendo. A observação das visitas permite afirmar que os quadros em que os visitantes ficam mais tempo, são os que informam sobre o prédio e a reforma feita para abrigar o museu. Depois vão percorrer o trajeto externo, empolgados e retornam, alguns já cansados, porém não deixam de se despedir das mediadoras e agradecer pela visita.

O museu também realiza uma pesquisa de opinião, trata-se de um questionário com perguntas fechadas e espaço para sugestões e críticas, que é bem aceito pelo público, as pessoas se aglomeram em torno do balcão circular e respondem as perguntas, algumas conversando entre si. A maioria das pessoas não gosta de questionários, acha perda de tempo, enfim. Todavia no museu a prática funciona, talvez por que o público saiba que aqueles dados são efetivamente lidos por alguém e que a sua opinião realmente vai ser levada em

consideração. Os dados são recolhidos e interpretados e apresentados no site da instituição.¹¹ Os dados que estão na internet fazem referencia a pesquisa de público realizada em 2009.

Entre as crianças a diversão fica por conta de uma mesa com folhas e material para pintura, elas desenhavam - inclusive o próprio museu ou a Ilha - e algumas não querem ir embora, são levadas pelos pais, convencidas pelo argumento de que ainda falta subir nos mirantes. A intenção do museu é utilizar os desenhos em mostras temporárias, que envolvam o público infantil.



Figura 19: Mesa de desenho e pintura para as crianças.

Fonte: Arquivo Pessoal da autora.

As ações de educação ambiental realizadas pelo Complexo de museus da FURG, de responsabilidade do CRAM, são resultado de parcerias estabelecidas com grandes instituições, ao longo dos anos, como a Petrobras, a Transpetro, a Superintendência do Porto de Rio Grande e outros projetos como “Projeto Albatroz”, “Projeto Botos da Lagoa dos Patos” e “NEMA”.

¹¹ Site do Museu Oceanográfico e Centros Associados disponível em: <http://www.museu.furg.br>. Acessado em 30/04/11.

O “projeto Albatroz” surgiu em 1991 pela necessidade de reduzir a captura não-intencional de aves marinhas pela pesca com espinhel em águas brasileiras, agindo em parceria com o Museu Oceanográfico proporcionam mais um meio de divulgação do conhecimento e de conscientização ambiental. Um biólogo membro da equipe ministra um curso de recuperação de animais atingidos por óleo, oferecido gratuitamente pelo Centro de Recuperação de Animais Marinhos do Museu Oceanográfico. O curso é promovido pelo menos uma vez por ano, tem duração de quatro dias e é voltado para estudantes de Veterinária, Biologia, Oceanologia e Ecologia de diversas universidades do Rio Grande do Sul¹².

O NEMA (Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental) atua solucionando problemas ambientais, despertando a consciência ecológica para a conservação do meio ambiente no sentido de minimizar o impacto entre o homem e a natureza. Entre as atividades dos participantes dos cursos e voluntários estão visitas ao Museu Oceanográfico e principalmente ao Centro de Recuperação de Animais Marinhos, onde acompanham o trabalho desempenhado pela equipe.

Parte da equipe do CRAM é formada por voluntários - que em muitos casos, conheceram o trabalho da instituição através de projetos de educação ambiental - e estagiários de cursos de graduação da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) e da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas).

O projeto “Botos da Lagoa dos Patos” realizado pelo laboratório de Mamíferos do Museu Oceanográfico, busca a conservação da espécie baseado na ciência e na educação. O projeto objetiva através de a educação ambiental levar a comunidade do Rio Grande informações contextualizadas, trabalhando não somente aspectos pontais, mas fazendo uma ligação entre os botos e sua interação com atividades econômicas da região.

¹² Conforme dados obtidos através de site <http://projetoalbatroz.blogspot.com>. Acessado em 01/05/11.

O projeto se baseia na premissa de que a educação ambiental permeia todas as áreas do conhecimento, sendo fonte vital para disseminação de informações, que tratadas de forma complexa servem de subsídio para que a comunidade participe das tomadas de decisões dos meios as quais estão inseridas¹³.

O CRAM oferece um curso de educação ambiental que aborda o problema de animais marinhos atingidos por óleo. Em um formato dinâmico e menos teórico, voltado para estudantes do ensino fundamental, ministrado pelos veterinários e biólogos do Centro de Recuperação. A última ação registrada pela instituição foi em 2008. Os alunos visitaram as dependências do CRAM, e viram de perto o trabalho realizado pela equipe, como a medicação e o tratamento dos animais e o banho para retirada do óleo.



Figura 20: Projeto de Educação Ambiental realizado em 2008.
Fonte: www.museu.furg.br.

¹³ Informações retiradas do Projeto Botos da Lagoa dos Patos, disponível em: <http://www.botosdalagoa.com>, acessado em 02/05/11.

Além dos eventos esporádicos realizados em parceria com outras instituições com projetos na área ambiental, já referidos no texto, as atividades ou práticas educativas realizadas pelo complexo de museus da FURG são: mediadores no Eco-Museu da ilha da Pólvora, no CRAM e no Museu Náutico e cursos de educação ambiental para alunos da rede pública de ensino e também para estudantes de graduação. Os cursos ministrados para graduandos acontecem no mínimo uma vez por ano, já as ações de educação ambiental para alunos do nível fundamental não tem uma regularidade pré-estabelecida, o último curso registrado pela instituição foi em 2008.

Neste capítulo discorri sobre a importância da ação educativa nos museus e sobre as práticas utilizadas pelo Museu Oceanográfico e Centros Associados no que tange a ação educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A intenção desse estudo era demonstrar que a ação educativa é uma prática importante de aproximação do público com as instituições museais contemporâneas, representadas aqui pelo Museu Oceanográfico. No decorrer da pesquisa percebeu-se que para apresentar as ações educativas desenvolvidas pelo Museu Oceanográfico era indispensável mencionar as práticas dos Centros Associados ao museu, que são os responsáveis efetivamente pelas ações que a instituição oferece.

Diante de tal realidade, o trabalho tomou um rumo um pouco diferente do esperado inicialmente. Os Centros Associados passaram, de coadjuvantes a protagonistas no que se refere às ações educativas, já que o Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios, considerado isoladamente, não dispõe de nenhum meio de ação educativa, inclusive não tem mediadores.

Os mediadores são figuras importantes no elo entre o museu e o público, quando não existem o visitante pode se sentir perdido ou até mesmo desvalorizado, por que não encontra ninguém para atendê-lo ou esclarecer suas dúvidas. Um fato como este pode prejudicar a imagem da instituição.

O Eco-Museu da Ilha da Pólvora, o Museu Náutico e o Centro de Recuperação de Animais Marinhos possuem mediadores. A instituição não exige que esses profissionais tenham formação específica para exercer essa função, todavia seria muito importante que passassem por cursos de qualificação ou oficinas sobre como receber e orientar o público, além de precisarem conhecer bem o acervo e a história do Museu Oceanográfico e seus Centros Associados, e não somente da sede onde estão efetivamente trabalhando.

Muitos visitantes trazem questionamentos aos monitores, e somente podem fazê-lo onde encontram os guias, ou seja, no Eco-Museu da Ilha da Pólvora de sextas a domingos e no Centro de Recuperação de Animais Marinhos com visitas agendadas, fora destas condições o visitante não encontra um “guia” no complexo de museus para lhe atender.

Por esse motivo ressalto a importância de que o Museu Oceanográfico tenha mediadores lotados lá, para melhor receber o público, fazendo com que as visitas sejam mais proveitosas para os visitantes.

Todas as ações educativas desempenhadas pela instituição se relacionam com a conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente, da flora e fauna marinhas, temas que vão ao encontro de todo o discurso expositivo e linhas de pesquisa da qual o museu é responsável. Nesse contexto destaco as ações e projetos realizados pelo Centro de Recuperação de Animais Marinhos, que possui enorme reconhecimento por parte da comunidade riograndina. Quando um animal é encontrado debilitado ou há algum acidente ambiental, a equipe do CRAM é imediatamente acionada.

O CRAM disponibiliza alguns cursos para estudantes universitários de áreas como a Biologia, Oceanologia e Medicina Veterinária, além de projetos de Educação Ambiental voltados para estudantes da rede Municipal e Estadual de Ensino.

Outro ponto forte das ações desempenhadas pelo museu são os questionários sobre a pesquisa de opinião do público. Não tive acesso a todos os questionários preenchidos pelos visitantes, mas os que pude analisar, na grande maioria, davam nota máxima aos aspectos expositivos e ao tratamento recebido pelos funcionários do museu. Nas respostas discursivas o que mais vi foram elogios à exposição dos museus e à beleza da paisagem dos mirantes, alguns diziam que tinham gostado muito da visita e que não sabiam que a cidade tinha um museu tão grande e com tanto acervo, além de fazerem inúmeras referências ao leão marinho e aos pingüins.

A instituição não faz a leitura e a interpretação do livro de visitantes, para saber a procedência do público, a faixa etária ou a época de maior visitação. Os dados que o complexo de museus dispõe sobre a quantidade de visitantes, são estimativas baseadas na bilheteria e no número de escolas que recebe.

Por todos os aspectos levantados nessa pesquisa, considero que o museu realiza algumas práticas educativas que têm boa aceitação do público. Porém a instituição tem um grande potencial educativo que poderia ser mais bem explorado. É importante que a instituição forme uma política educativa, iniciada com um número maior de mediadores e

regularidade na oferta de cursos, e ainda, outras ações educativas focadas não só no público escolar ou infanto-juvenil.

Idosos não estão entre os privilegiados pelos programas educativos do complexo de museus, alguns grupos da terceira idade, incorporam na sua agenda de atividades, visitas ao museu, mas a iniciativa parte dos grupos e não da instituição – que somente disponibiliza a presença de um monitor durante a visita.

A parceria com cursos e licenciaturas da Universidade Federal do Rio Grande pode e deve ser aproveitada pela instituição no cumprimento de suas práticas educativas. Cursos e oficinas podem ser oferecidos à comunidade aproveitando não somente os locais de confraternização que universidade dispõe, mas também e principalmente seu corpo docente e discente.

Destaco que o complexo de museus exerce sua função educativa, porém com algumas limitações. A instituição cresceu muito ao longo dos anos, se adaptou às novas demandas do público, cada vez mais exigente e participativo. Há um longo caminho a ser percorrido, e muito ainda precisa ser feito, porém o Museu Oceanográfico e seus Centros Associados têm um grande potencial no que tange a ação educativa, podendo assim estreitar ainda mais os laços entre a instituição e o público.

FONTES PRIMÁRIAS:

Acesso a entrevista com Eliézer de Carvalho Rios, realizada pelo pesquisador Rodrigo Torres, em 28/09/2007, registrada pelo projeto de pesquisa “Traçando o perfil de trabalhadores em museus nas cidades da 7ª região museológica” sob a coordenação da professora Drª Maria Letícia Mazzucchi Ferreira.

Acesso a entrevista com Lauro Barcellos, realizada pelo pesquisador Rodrigo Torres, em 02/05/2008, registrada pelo projeto de pesquisa “Traçando o perfil de trabalhadores em museus nas cidades da 7ª região museológica” sob a coordenação da professora Drª Maria Letícia Mazzucchi Ferreira.

Consulta ao Site do Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios, disponível em: <http://www.museu.furg.br>. Acessado pela última vez em 5/05/11.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS. Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus. Belo Horizonte: 2002.

CARMEM ZIEBELL. **Jornal Agora**. Rio Grande, 14/06/2007. Disponível em: <<http://www.intelog.net>> Acessado em: 22 abr. 2011.

FERREZ, Helena Dobb. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia, MinC / IPHAN, n. 2. Rio de Janeiro : 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1987.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros ensaios**. UNESP. São Paulo: 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Paz e Terra. São Paulo: 1996.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio: Museu de arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. 2000: Tese de doutoramento Universidade de São Paulo (FEUSP) na área de concentração: Linguagem e Educação.

HUGUES, Varine de. **O Tempo Social**. Eça. Rio de Janeiro: 1987.

ICOM. **Mesa-Redonda de Santiago do Chile - 1972**. In: A Memória do Pensamento Museológico contemporâneo - Documentos e Depoimentos. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM. São Paulo: 1995.

_____. **Declaração de Caracas - 1992**. In: A Memória do Pensamento Museológico contemporâneo - Documentos e Depoimentos. Comitê Nacional Brasileiro do ICOM. São Paulo: 1995.

Imagem do Museu Oceanográfico. **Google imagens**. Disponível em: <<http://www.google.com.br>> Acessado em: 29 abr.2011.

Jornal Rio Grande. Rio Grande, 1953. Bibliotheca Rio-Grandense.

MASON, Thimoty. **Gestão Museológica: desafios e práticas**. Editora da Universidade de São Paulo, Série Museologia n ° 7. São Paulo: 2004.

MENESES, Ulpiano Bezerra. **Educação e Museus: sedução, riscos e ilusões**. Ciências e Letras - n.27 (jan./jun.2000) – Educação e patrimônio Histórico-Cultural. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Porto Alegre: 2000.

MENSCH, Peter Van. **Museus em movimento: uma estimulante visão dinâmica sobre a interrelação Museologia-museus**. Cadernos Museológicos, n. 1. Rio de Janeiro: 1988.

MOUTINHO, Mário. **Sobre o conceito de Museologia Social**. Cadernos de Sociomuseologia (1) Centro de Estudos de Socio-Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa: 1993.

NASCIMENTO, Rosana. **O Objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu**. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador: 1993.

PREFEITURA MUNICIPAL. Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br>> Acessado em: 22 abr. 11.

PROJETO ALBATROZ. Disponível em <<http://projetoalbatroz.blogspot.com>>. Acessado em: 01 mai. 11.

PROJETO BOTOS DA LAGOA DOS PATOS. Disponível em: <<http://www.botosdalagoa.com>> Acessado em: 02 mai.11.

PROJETO DO MUSEU NÁUTICO. Disponível em: <<http://www.lahtusensu.com.br>> Acessado em: 22 abr.11

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do objeto**. Argos. Chapecó: 2004.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Estratégias museais e patrimoniais contribuindo para qualidade de vida dos cidadãos: diversas formas de musealização**. Ciências e Letras: Educação e Patrimônio Histórico-Cultural Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação. Rio Grande do Sul: 1999.

SILVA, Daniella Rebouças. **As formas de ver as formas: Uma tentativa de Compreender a linguagem expositiva dos museus**. Cadernos de Sociomuseologia (16) Centro de Estudos de Socio-Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa: 1999.

SOUSA, Francisco Clode. **Museologia e comunicação**. Cadernos de Sociomuseologia (1) Centro de Estudos de Socio-Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Lisboa: 1993.

ANEXOS:

Anexo 1: Roteiro básico de entrevista com Eliézer de Carvalho Rios.

1. Nome completo
2. Data e local de nascimento
3. Profissão
4. Relação com o campo museológico
5. Quando começou a se interessar por isso?
6. Onde trabalhava?
7. Quem eram as pessoas com as quais trocava essas experiências no campo do museu?
Como surgiu o projeto do Museu Oceanográfico
8. Quem foram as pessoas que estiveram envolvidas nesse começo
9. Como era Rio Grande nessa época? Havia já algum outro museu?
10. Por que a idéia de um museu voltado para as ciências do mar?
11. Quem foram os parceiros nesse primeiro momento (organizações científicas?
Nacionais? Internacionais?
12. Onde e como foi alojado?
13. Como foi pensada a expografia, a catalogação, documentação?
14. Nesses primeiros tempos, como reagiu a cidade ao Museu?
15. Fale-me do período em que o museu ficou numa casa no interior da Praça Tamandaré?
16. Qual era a coleção base naquele espaço?
17. Como era obtido o acervo?
18. Já havia programas com escolas, adolescentes, jovens?
19. O que fez com que o Museu tivesse crescimento?
20. Como foi a construção da sede atual? Que parceiros estiveram envolvidos nisso?
21. O senhor permanece no museu até quando?
22. De seu trabalho ali, o que mais considera que foi gratificante?
23. A coleção malacológica (Matheus, isso quer dizer conchas), começou quando? E por quem?

24. Museu na nova sede: modificações. Pessoas que estiveram envolvidas nesses primeiros tempos
25. Experiências do Prof. Eliezer a frente de um museu.
26. Relação com a cidade
27. Financiamento do museu
28. Problemas
29. Avanços obtidos
30. Sente saudades dessa sua atividade?

Anexo 2: Roteiro básico de entrevista com Lauro Barcellos.

1. Nome completo
2. Data e local de nascimento
3. Profissão
4. Relação com o campo Museológico
5. Como foi teu ingresso no Museu Oceanográfico?
6. Como era o acervo do museu nessa época e o que mudou com a sua chegada?
7. Quem além de você e do professor Eliézer colaborou com a constituição do acervo do museu?
8. Como foram as expedições da década de oitenta?
9. Como você vê a relação do museu com a cidade?
10. Como ocorrem as visitas das escolas, no museu?
11. O que é mais complicado nas visitas?
12. Você acha que os professores são preparados pra mostrar o museu, o que poderia em termos de política, ser feito pra melhorar isso?
13. Como você que poderia melhorar, ou ser reforçada, a relação do museu com as escolas?
14. Como foi a construção desse prédio?